

Marlon Borges Pestana<sup>1</sup>  
Éder Ribeiro Fonseca<sup>2</sup>  
Tanja Raquel Funk<sup>3</sup>

**Artigo livre**

**AS QUATRO PEDRAS DE XANGÔ:  
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DOS QUILOMBOS  
AGROECOLÓGICOS DE SÃO LOURENÇO DO  
SUL, RS.**

***THE FOUR STONES OF XANGÔ:  
HERITAGE EDUCATION IN AGROECOLOGICAL  
QUILOMBOS OF SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.***

---

<sup>1</sup> Fundação Universidade de Rio Grande (FURG)

<sup>2</sup> Mestrando em Antropologia (PPGAnt/UFPel)

<sup>3</sup> Licenciada em Educação do Campo-FURG

## RESUMO

O artigo traz a público alguns dos resultados das vivências tradicionais realizadas em dois quilombos de São Lourenço do Sul: Coxilha Negra e Nascentes (Boqueirão). A pesquisa tem como objetivo ampliar o conceito de Educação Patrimonial das comunidades tradicionais do campo. Trata de considerar uma atividade deles e não *para eles* através de uma Educação do Campo e não *para o campo*. As comunidades tradicionais apresentaram suas próprias demandas de Educação Patrimonial e os resultados do projeto refletem suas escolhas originais. Os povos do campo optam por processo que fortaleçam a memória e a identidade e que os empodere na formação do seu sujeito coletivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Patrimonial; Quilombola, Agroecologia.

---

## ABSTRACT

The article brings to the public some of the results of the traditional experiences in two quilombos of São Lourenço do Sul: Coxilha Negra and Nascentes (Boqueirão). The research aims to expand the concept of Patrimonial Education of the traditional communities of the countryside. It tries to consider their activity and not for them through a Field Education and not for the field. Traditional communities have presented their own Heritage Education demands and the project results reflect these originals choices. The people of the countryside opt for a process that strengthens memory and identity and empowers them in the formation of their collective subject.

**KEYWORDS:** Heritage Education; Maroon People; Agroecology.

## INTRODUÇÃO

O trabalho educativo com comunidades tradicionais é gratificante e compensador, seus desdobramentos são quase sempre inesperados e imprevisíveis, mesmo senso a Agroecologia Quilombola (DE BIASE, 2016) e Indígena um tema cada vez mais popular na acadêmica. Gratificante por se ter a consciência da viva espiritualidade dessas populações tradicionais, da dos seus modos de vida e a compensação afetiva que os pesquisadores adquirem na trajetória do trabalho. As comunidades do Boqueirão e da Coxilha Negra buscaram os pesquisadores que os “escutaram” e, no jogo cosmológico, que estivessem mais “abertos” às diferentes situações e sensibilidades de suas comunidades de origem.

Posto isso, o trabalho de Educação Patrimonial em si teve três estágios principais, o de gabinete que é representado pelo levantamento bibliográfico, o de campo que corresponde às vivências tradicionais e o de laboratório que também é no campo, mas com a finalidade de recolher os resultados daquilo que foi implantado na etapa anterior. O fruto dessas atividades é o artigo acadêmico que por hora é apresentado. Os co-autores são monitoras e quilombolas que fizeram parte parcial ou inteiramente do processo, com a noção de que os conceitos trabalhados estão ainda em construção, sendo os principais a etnobotânica e a espiritualidade afro-brasileira que se encontram na Agroecologia Quilombola através dos conhecimentos tradicionais, principalmente na identificação de espécies vegetais que representam a cultura agroalimentar e religiosa das comunidades quilombolas de São Lourenço do Sul.

O artigo apresentará duas partes fundamentais, a primeira que trata do reconhecimento da comunidade quilombola do Boqueirão, o seu processo de reconhecimento e certificação e, a segunda parte, que trata da Agroecologia Quilombola (DE BIASE, 2016) na comunidade Coxilha Negra, que já é reconhecida e certificada. O artigo não aprofundará questões conceituais e teóricas, que foi objeto de outros trabalhos (FONSECA, *et al* 2020; PINHEIRO, 2014), mas apresentará uma versão própria de Educação Patrimonial, resultado do diálogo com as comunidades supracitadas.

## MESTRES DA TRADIÇÃO ORAL: O AUTORRECONHECIMENTO DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Há indicações de que aproximadamente quarenta e três comunidades negras rurais vivem atualmente na região denominada como Zona Sul, que tem como pólo o município de Canguçu. Destas, cinco já receberam certificados de autorreconhecimento emitidos pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Historicamente são mencionadas muitas outras, como se refere Pinheiro (2014):

Inicialmente, um núcleo de povoamento se formou na Fazenda do Boqueirão, localizada entre a Serra dos Tapes e as áreas de campo, onde foi

construída uma capela. A localidade, que recebeu o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, que correspondia ao 4º distrito da Vila de São Francisco de Paula (PINHEIRO, 2014, p. 329).

O objetivo deste artigo é colaborar com a certificação de mais uma comunidade quilombola na localidade do Boqueirão no município de São Lourenço do Sul. A produção científica que estude e mencione os modos tradicionais de vida quilombola são forte aliados na demarcação de suas terras. O mesmo vale para a identificação dos sítios arqueológicos e do patrimônio edificado que também são importantes para a certificação da comunidade. Os Griôs, que são os mestres da tradição oral, foram literalmente os condutores das pesquisas e os protagonistas que decidiam o que deveria constar ou não como fonte de informação.

Vale salientar que o trabalho com as comunidades tradicionais do Boqueirão e da Coxilha Negra foi desenvolvido na perspectiva do modo de vida quilombola, com maior participação popular possível. No entanto, para o processo de fortalecimento do sujeito coletivo, foi muito importante que o convite tenha sido feito à população em geral, através de reuniões na sede da associação de moradores. A idéia foi a de provocar um maior envolvimento da comunidade acadêmica com a produção científica das tradições culturais quilombolas, incluindo sua religiosidade, espiritualidade, modo de produção alimentar, abastecimento aquífero, relações básicas e complexidade de parentesco.

## GRIÔ: A MEMÓRIA QUILOMBOLA

A associação conceitual entre educação patrimonial e patrimônio cultural quilombola se baseia num referencial teórico atual que seja abrangente e capaz de abordar as questões específicas da diversidade cultural, da territorialidade e do diálogo dos diferentes agentes culturais envolvidos. Florêncio (2014) através do IPHAN aponta os importantes elementos que hoje são temas transversais na pesquisa de campo em patrimônio cultural nas comunidades tradicionais,

Atualmente, a CEDUC defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (FLORÊNCIO, 2014, p. 19).

A metodologia utilizada<sup>1</sup> é uma fluidez dialogada entre a pesquisa participativa e a observação participante (GEERTZ, 1978; DAMATTA, 1978) que é compos-

<sup>1</sup> A metodologia participativa é característica das ciências do campo, nesse caso, nada tem a ver com Arqueologia, visto que a Educação Patrimonial é uma metodologia pedagógica de manejo do passado também utilizada pela Arquivologia, Agroecologia, Educação do Campo, Bibliotecologia

ta por rodas de conversa com a comunidade quilombola e a prática de vivências tradicionais; registros fotográficos; caminhadas pela comunidade (reconhecimento do território); trabalho voluntário; oficinas culturais; bioconstrução e ritual de barreamento do Mocambo (Figuras 1 e 2); galinheiro móvel de módulo agroecológico; canteiro de ervas das benzedei-ras; roda de conversa com a EMATER/Ascar RS; festejos e celebrações tradicionais como a Festa do Divino e o Terno de Reis; seleção e coleta do capim Santa Fé.

Em antropologia é preciso recuperar esse lado extraordinário e estático das *relações entre pesquisador/nativo*. Se este é o lado menos rotineiro é o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano de nossa rotina [...] para uma ciência interpretativa, destinada antes de tudo a *confrontar subjetividades e tratar delas*. (DAMATTA, 1978, p. 11-12 grifo nosso)

Nessa perspectiva deseja-se criar uma relação *pesquisador/quilombola* para fomentar o levantamento de material necessário para a confecção dos relatos históricos, das vivências tradicionais para o reconhecimento da prática da Agroecologia Quilombola ou quilombo agroecológico (DE BIASE, 2016) e, no segundo caso, do reconhecimento da comunidade como remanescente de Quilombo.

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL AGROECOLÓGICA

Com a pesquisa buscou-se expandir os resultados para outras comunidades quilombolas ainda não reconhecidas e/ou autoidentificadas (RUPERT *et al* 2009). Ocorreu a o processo de finalização do Mocambo como casa de reza que se tornará Centro de Memória; foi finalizada a instalação do canteiro das benzedei-ras; finalizado o galinheiro móvel; realizada a Festa Junina como parte dos festejos tradicionais, oficina de batuque e confecção de instrumentos musicais afro. Esses resultados buscam o fortalecimento da memória quilombola local e preservação do vasto patrimônio histórico e cultural da comunidade quilombola (ANJOS, 2004; ARRUTI, 2010), além do fortalecimento do sujeito coletivo e da identidade cultural afro-brasileira na localidade do Boqueirão, São Lourenço do Sul.



Figuras 1 a 3 – Amarração da malha da parede, barreamento do Mocambo e registro da tradição oral do Griô Volnei Jesus no quilombo do Boqueirão. Fonte: Arquivo dos autores.

nomia, Museologia, etc.

Na comunidade quilombola do Boqueirão, o autorreconhecimento de suas raízes e o resgate de histórias vivenciadas pelos membros da sua comunidade é de suma importância para o fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira e potencialização da memória cultural (ASSMANN, 2021, p. 27), rememorada através dos mestres tradicionais da oralidade, os griôs<sup>2</sup> (Figura 3), que permaneceram na terra após a grande diáspora africana, tais como aquelas propostas pelo IPHAN (FLORÊNCIO, 2012, p. 14). Nesse processo, foi possível dar início ao autorreconhecimento da comunidade que resultará na certificação do território como remanescente quilombola.

A Educação Patrimonial, como método na Agroecologia, promove o reconhecimento de práticas ancestrais, formas antigas de saber-fazer em comunhão com a natureza, conhecimentos históricos das populações visitadas que são passados adiante como herança cultural para as novas gerações. Portanto, a Educação Patrimonial no campo da Agroecologia, se preocupa com os saberes ancestrais dos povos tradicionais sobre as matas, as florestas e os domínios da natureza e paisagem.

Na comunidade quilombola da Coxilha Negra, já certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP), pretende-se fomentar a Agroecologia Quilombola para o reconhecimento da produção orgânica e agroecológica de ervas de chás e plantas alimentícias, tais como o morango, tornando-o assim um “quilombo agroecológico”. No entanto, esse processo é acompanhado de fortalecimento da identidade cultural, logo, as roças são baseadas em preceitos Bantu, Nagô, Congo, Jeje e demais variantes das práticas iorubanas na metade sul do Rio Grande do Sul.

## **AS FOLHAS SAGRADAS DE OSSAIM: AGROECOLOGIA QUILOMBOLA NA COMUNIDADE COXILHA NEGRA**

A pesquisa realizou um trabalho de aplicação prática dos princípios da Agroecologia Quilombola na comunidade da Coxilha Negra, no interior do município de São Lourenço do Sul. Entende-se que é possível o desenvolvimento de uma Agroecologia baseada nos princípios da etnobotânica quilombola (DE ARAÚJO, 2018). Esse trabalho apresenta de forma breve, os dados recentes resultantes da prática de três canteiros cultivados através do sistema milenar da agricultura consorciada afro-brasileira que é a herança cultural quilombola para sistema de cultivo, unindo diferentes espécies de cultivares para ampliar a qualidade e quantidade produtiva<sup>3</sup>. A aplicação dos canteiros de base agroecológica quilombola apontou para duas situações: a participação quilombola nas toma-

<sup>2</sup> De acordo com Fidelis (2011, p. 70) Para a Agroecologia os Griôs são mestres e mestras da memória dos cultivos e dos sistemas agroalimentares, ou seja, os representantes máximos da transmissão da cultura, entre os anciãos da comunidade, da História e do legado de seu povo.

<sup>3</sup> A herança cultural quilombola indicada pelos/as mestres Griôs é que um solo sadio, com significativa transferência de biomassa, é suficiente para a garantia da segurança alimentar, dispensando fertilizantes e agrotóxicos.

das de decisão da Agroecologia e a tradição oral do cultivo de ervas medicinais e plantas de forte teor nutritivo. Para chegar a essas informações nos baseamos em Fidelis (2011):

Mas o que se considera importante são os cultivos, a preservação e a adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do quilombo, sendo que todas mantêm um bom vigor germinativo no seu sistema de cultivo. A comunidade desenvolveu, durante dois séculos, nas áreas onde está assentada, estratégias que lhe garantiu o sucesso por meio da prática da agricultura. E isso se deve à posse das sementes, dos conhecimentos e de seus saberes tradicionais. Carece, portanto, que esses acúmulos de conhecimentos sejam estudados e entendidos para que sejam preservados e, com isso, que seja possível lhes dar o devido valor. (FIDELIS, 2011, p. 68)

Portanto, a Agroecologia Quilombola tem o compromisso primário da ação afirmativa de corrigir solos desgastados (DINIZ *et al* 2018). E, posteriormente, trabalhar a identidade do sujeito coletivo no fortalecimento das identidades locais oriundas da diáspora, conforme define Stuart Hall (2006, p 30). Nesse aspecto, inserem-se as ervas medicinais, as sementes crioulas, a etnobotânica (ROCHA, 2018), as plantas enteógenas e o saber popular da terra sagrada na cosmovisão agroecológica do quilombo (DE BARROS, 2015; DE BIASE, 2016).

O objetivo principal desta pesquisa foi o de fomentar a Agroecologia Quilombola, com base nos princípios da identidade cultural na diáspora (HALL, 2006; CANDAU, 2009) representada na comunidade, dos saberes-fazeres locais para gerar uma possível auto-suficiência agroecológica com base nos cultivos afro-brasileiros. O fomento tem por base uma forte religiosidade que antecede o prisma teórico, mas que também faz parte dele (FIDELIS, 2011, p. 54).

Nesse sentido, buscou-se trabalhar com a comunidade quilombola da Coxilha Negra, tendo em vista o seu próprio caleidoscópio de percepções culturais sobre a produção de alimentos e ervas medicinais. O principal problema levantado foi à potencialidade da aplicação de agroecossistemas no quilombo (DE BIASE, 2016) e o seu diálogo com as práticas tradicionais de cultivo passadas de geração a geração pelos mestres da tradição oral ou Griôs.

Em síntese, a pesquisa se justificou por pensar a Agroecologia Quilombola dentro da cosmovisão da comunidade Coxilha Negra. E também dialogou com as práticas culturais para o melhor aproveitamento dos cultivos tradicionais, dinamizando assim a ampliação e extensão dos saberes populares para os quilombos vizinhos e fortalecimento da identidade quilombola.

## CULTURA QUILOMBOLA E AGROECOLOGIA

Foram abertos três canteiros, na área central da propriedade do Sr. Breno Correia. O espaço de sacralização do solo considerou o substrato organicamente estéril e o Orixá Oyá (lansã) que rege o mês de viração da terra. Uma equipe de oito estudantes e três docentes, juntamente com o coletivo Quilombola da FURG

Campus São Lourenço do Sul, através de duas disciplinas Introdução à Extensão Rural e Metodologias Participativas em Extensão Rural realizou reuniões bimensais com a comunidade.

Após os contatos ficou decidida a recuperação de uma área degradada através dos princípios da Agroecologia Quilombola (DE BIASE, 2016), contando com a participação do saber popular e o poder das folhas e da terra preta<sup>4</sup>. Após a seleção de um solo preto, antiga deposição de cama de galinheiro, a equipe fez a transposição do solo e a sacralização do mesmo. Entre os três canteiros de plantas alimentícias e ervas medicinais consorciadas, foram abertas duas “sangrias” para as enxurradas limparem os canteiros e levarem as impurezas.



**Figura 4 e 5** – Quilombolas regando os canteiros após a sacralização; pedra de xangô posicionado numa das pontas do raio de Oyá, formado pelos sulcos do canteiro. **Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Essas sangrias aliadas aos sulcos dos canteiros formam o símbolo do “relâmpago” que representa Oyá<sup>5</sup> e pode ser visto do alto. Após essa prática, os alunos depositaram quatro pedras sagradas de Xangô, chamadas de *okutá*, ou pedras de assentamentos para os Orixás.

Assim, estudos etnobotânicos no Quilombo São José da Serra poderão convergir para realimentar a cultura, desenvolver assistência técnica agrícola, construir coletivamente o debate político, favorecer estratégias de exigibilidade de direitos e formar lideranças capazes de pensar, na especificidade da tradição territorial quilombola, a reconversão das áreas de monocultura e de agropecuária. (ROCHA, 2011, p. 13)

Rocha (2011) supracitada menciona a constante necessidade de realimentar a cultura para repensar estratégias a fim de evitar a perda da territorialidade quilombola. Em seguida da sacralização da terra, a turma foi orientada o coletar diferentes espécies de mudas existentes no local. Então, foram coletadas e plantadas nos canteiros um universo de 60 mudas de diferentes espécies etnobotânicas. Essa metodologia está de acordo com pesquisas recentes que consideram a cultura como processo fundamental na produção agroecológica (DE ARAÚJO, 2012; ROCHA, 2011). Neste contexto sacralizar significa abençoar a terra, abrir caminhos para que os Orixás se manifestem presentes durante o plantio,

<sup>4</sup> Faz parte da sacralização popular quilombola que as plantas têm poder, para além da cura, essa força da natureza está em afastar as energias negativas dos *eguns*, abençoar, benzer e consagrar para atrair o axé em *Olorum*. A saúde das plantas está intimamente relacionada ao solo rico, orgânico de coloração preta.

<sup>5</sup> Trata-se da divindade lansã, sincretizada no catolicismo como Santa Bárbara.



crescimento e colheita, a sacralização se dá pelo assentamento da pedra no solo, firmando obrigação entre o produtor e o Orixá.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos fazem parte do patrimônio cultural, identidade e etnobotânica quilombola da comunidade Coxilha Negra. O solo orgânico (terra preta) transplantado compôs uma área de 8,0 x 5,0 m, como área piloto do experimento, totalizando 40,0 m<sup>2</sup> de área cultivada nos parâmetros teóricos nacionais (FIDELIS, 2011). Foram selecionadas aproximadamente sessenta mudas que se consorciaram na horta tradicional. As principais plantas identificadas da etnobotânica quilombola foram Tansagem *Plantago major*; Funcho *Foeniculum vulgare*; Couve *Brassica oleracea*; Dinheirinho *Pilea microphylla* (L.) e Picão branco *Galinsoga parviflora*.

A única menção de erva enteógena para cura foi a Trombeta-de-anjo *Brugmansia suaveolens* cujo princípio ativo é um alcalóide tropânico chamado escopolamina e hioscina (atropina). Durante os diálogos ficou claro que o seu consumo tinha o objetivo de tratar a dor e a bronquite. Como referido no começo deste artigo, a etnobotânica e espiritualidade afro-brasileira se encontram na Agroecologia Quilombola através dos conhecimentos tradicionais, principalmente na identificação de espécies vegetais que representam a cultura alimentar e religiosa das comunidades quilombolas de São Lourenço do Sul.

Foram identificados cultivos tradicionais semelhantes ao desta pesquisa em outras comunidades quilombolas no Brasil (ROCHA, 2011; DE ARAÚJO, 2012), mesmo em comunidades quilombolas assentadas em diferentes biomas (PEREIRA, 2007). Logo, parece que há uma persistência positiva da tradição oral sobre o clima e o ambiente, informação que é corroborada pela tradicionalidade oral dos griôs, o que é um importante elemento da resistência cultural quilombola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento foram realizadas reuniões com o coletivo quilombola que demonstrou interesse em sacralizar suas terras para a recuperação de áreas degradadas e de solos “mortos”. No Boqueirão a comunidade das Nascentes está promovendo o seu autoreconhecimento com o apoio da EMATER e da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, através das oficinas de educação patrimonial realizadas nas terreiras da comunidade. Caso esse estudo não auxilie na certificação, ao menos o compensatório das ações afirmativas foi realizado, principalmente através das inúmeras rodas de conversa com os jovens, adultos e anciões. Através da interação com o ensinamento destes povos tradicionais foi erguida uma bioconstrução tradicional conhecida como mocambo, um canteiro de ervas medicinal e um galinheiro móvel, espaços que estão sendo usados como centro

de memória afro-brasileira.

A comunidade quilombola da Coxilha Negra tem por cosmovisão a Agroecologia como ferramenta de fortalecimento da sua identidade cultural. A pesquisa do patrimônio cultural quilombola, da espiritualidade e religiosidade da comunidade, além das suas próprias percepções de etnobotânica como patrimônio histórico e cultural resultaram nas hortas sagradas de cultivo agroecológico. Essas hortas são resultados da transferência de solo orgânico (vivo) que é protegido pelas “okutás”, ou simplesmente pedras de Xangô, para assentamento dos Orixás. A horta de plantas consorciadas é irrigada com hidrodinâmica de gravidade e os sulcos de seus canteiros formam o símbolo do raio de Oyá.

A pesquisa buscou promover um diálogo entre a comunidade quilombola e a educação patrimonial elaborando reflexões sobre a produção ancestral num quilombo agroecológico através da Agroecologia Quilombola, com a intenção de cooperar na produção de alimentos orgânicos e de seus festejos tradicionais através do diálogo e da participação comunitária.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a Sra. Vera Macedo, Sra. Ceníra Correa, Sr. Breno Correa, Sr. Almir Nascente, Sr. Pedro Prestes, Sra. Jéssica Costa Ferreira, Sra. Thaís Alves, Sr. Felipe Macedo, Sr. Verinha do Monjolo, Sr. Joel da Silva Ferreira. E aos membros das comunidades tradicionais quilombolas de São Lourenço do Sul que acompanharam a pesquisa e ajudaram com o seu axé e acolhimento. Agradecemos aos Profa. Dra. Carmem Rejane Porto Pacheco e Profa. Dra. Ana Silvia Rolon, Prof. Márcio de Medeiros Gonçalves, Prof. Dr. Marcelo Stumpf.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANJOS, J.C.G. Identidade étnica e territorialidade. In: ANJOS, J.C.G.; SILVA, S.B. (org.). São Miguel e Rincões dos Martimianos: ancestralidade e territorialidade negra. Editora da UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2004.

ARRUTI, J.M. Antropologia e direito nos embates em torno dos quilombos no Brasil. VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural. Porto de Galinhas, Pernambuco. 15 a 19 de novembro de 2010.

ASSMANN, Aleida. Cultural memory. In: Social Trauma—An Interdisciplinary Textbook. Springer, Cham, 2021. p. 25-36.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. Revista Memória em Rede, v. 1, n. 1, p. 37-52, 2009.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. Boletim do Museu Nacional - Nova Série. Rio de Janeiro. n. 27, maio/1978.

DE ARAÚJO, Marli Gondim. A comunidade remanescente de quilombo do Engenho Siqueira: territorialidade, identidade quilombola e potencialidade da agroecologia. Cuadernos de Geografía, v. 21, n. 1, p. 99-114, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3965760>> Acesso em: 12 jul. 2018.

DE BARROS, José Flávio Pessoa. A floresta Sagrada de Ossaim: o segredo das folhas. Pallas Editora, 2015.

DE BIASE, Laura. Agroecologia quilombola ou quilombo agroecológico? Dilemas agroflorestais e territorialização no Vale do Ribeira/SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

DINIZ, Raphael Fernando; DOS SANTOS TUBALDINI, Maria Aparecida. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG. Ateliê Geográfico, v. 5, n. 2, p. 123-153, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/15481>> Acesso em: 12 jul. 2018.

FIDELIS, Lourival. Quilombos, agricultura tradicional e a agroecologia: o agroecossistema do Quilombo João Surá sob a ótica da sustentabilidade. Cadernos CERU, v. 22, n. 1, p. 57-72, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/ceru/article/view/29465>> Acesso em: 12 jul. 2018.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: um processo de mediação. Educação patrimonial: reflexões e práticas. IPHAN, João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, p. 22-29, 2012.

FONSECA, Eder Ribeiro et al. As folhas sagradas de ossaim: Agroecologia quilombola no Rio Grande do Sul, Brasil. Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/3042> Acesso: 01/12/2021.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Comunicação & Cultura, n. 1, p. 21-35, 2006.

PEREIRA, Luciano Araujo et al. Plantas medicinais de uma comunidade quilom-

bola na Amazônia Oriental: Aspectos utilitários de espécies das famílias Piperaceae e Solanaceae. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 2, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/7128/5240>> Acesso em: 12 jul. 2018.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos. Comunidades quilombolas na região das antigas charqueadas: territórios negros e políticas públicas no município de São Lourenço do Sul, rs. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 11, n. 22, 2014.

ROCHA, Joyce Alves; NEFFA, Elza; DANIEL, Denise. Estudos etnobotânicos e dinâmicas socioambientais no Quilombo São José da Serra/RJ. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/SNPGCS/article/view/1490/1078>> Acesso em: 12 jul. 2018.

RUBERT, R. A.; SILVA, P. S. O acamponesamento como sinônimo de quilombamento: o amálgama entre resistência racial e resistência camponesa em comunidades negras rurais do Rio Grande do Sul. IN: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARINA, R. A. (orgs.) Diversidades de campesinatos: expressões e categorias, v. 1, Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Ed. Da Unesp/Brasília: NEAD, p. 251-274, 2009.